TRAÇOS ARTISTICOS

— E —

BIOGRAPHICOS

— DO —

Maestro ETTORE BOSIO

APRECIAÇÕES
SOBRE AS SUAS OBRAS MUSICAES

ARGUMENTOS DAS OPERAS

«O DUQUE DE VIZEU», «IDEALE» e «SEMÉLE»

PARÁ — BELEM

Typ. da Livraria GILLET
Rua Cons. João Alfredo, 52

1922

TRAÇOS ARTISTICOS

— E —

BIOGRAPHICOS

— DO —

Maestro ETTORE BOSIO

APRECIAÇÕES

SOBRE AS SUAS OBRAS MUSICAES

ARGUMENTOS DAS OPERAS

«O DUQUE DE VIZEU», «IDEALE» e «SEMÉLE»

PARÁ — BELEM

Typ. da Livraria GILLET

Rua Cons. João Alfredo, 52

1922

TRAÇOS BIOGRAPHICOS SOBRE O AUTOR

O Maestro Ettore Bosio nasceu em Vicenza, no Veneto, na Italia, no anno de 1862.

Aos 19 annos de edade, em 1881, fixou residencia em Trento, capital do Trentino.

Em 1885, com 23 annos de edade dirigiu-se a Bologna, a matricular-se no Liceo Musicale dessa cidade, dirigido pelo celebre maestro pianista Martucci, ha poucos annos fallecido.

Dois annos depois, em 1887, completava alli o seu tirocinio artistico, recebendo o diploma de *maestro compositore* e apresentando como prova publica a scena dramatica: *L'Ideale*.

A 3 de julho de 1887, precisamente, recebia o jovem maestro o seguinte attestado manuscripto do director Martucci, que transcrevemos:

«Mi é grato poter dichiarare che il sig. Ettore Bosio ha compiuti gli studi di composizione musicale, in questo Liceo, com constante assiduitá e buon valore. Egli ha dato belle prove di natural disposizione e di grande amore all'arte de suoni; ed é ben preparato alla direzione orchestrale per la quale é dotato di speciale attitudine.

Bologna, 3 luglio, 87.—a.) *I. Martucci.*»

Com relação a sua prova publica effectuada em Bologna, veremos adeante algumas das opiniões manifestadas pela imprensa nesta occasião.

Em 1888 veiu ao Brasil; em fins de 1889 repatriou-se, estabelecendo-se em Savona. De lá, acceitando contracto com o emprezario Joaquim Franco, voltou ao Brasil.

Em S. Paulo, onde residiu algum tempo, o seu merecimento não ficou desapercebido, apezar da sua excessiva modestia. Os seus concertos, as suas audições musicaes, mereceram os melhores elogios da imprensa e foram applaudidos com enthusiasmo. (V. referencias).

Havendo estudado a lingua do paiz, o maestro Bosio podia escrever, como escreve, correctamente o portuguez. Convidaram-n'o para ser chronísta musical da *Gazeta do Povo.* Acceitou e, sob o pseudonymo de FISCHIO, os seus artigos para logo chamaram a attenção. Algumas opiniões por elle manifestadas com toda a sinceridade déram origem a uma polemica renhida, com o chronista do *Diario Popular*, Gonçalves Silva, polemica em que Bosio levou sempre a melhor, conquistando além disso todas as sympathias pela sua linguagem cortez e elevada, em contraste com o estylo aggressivo do seu competidor.

Foi ainda em S. Paulo que surgiu a idéa da opera *Duque de Vizeu*, um dos melhores trabalhos de Bosio.

Nasceu esse tentamen dum modo simples, puramente artistico: do conhecimento travado entre Bosio e o conhecido litterato brasileiro Pacheco Netto que, assistindo a opera *Semèle* ficou encantado e suggeriu-lhe a idéa de compôr uma opera sobre um libretto escripto em portuguez.

Bosio abraçou a suggestão e escolheu para assumpto o *Duque de Vizeu*, do poeta portuguez Lopes de Mendonça. Pouco tempo depois Pacheco Netto entregava-lhe o libretto prompto e elle dava começo a sua nova opera. Tendo de partir depois para a Italia, concluiu lá o *Duque de Vizeu.* O facto, porém, de estar o libretto escripto em portuguez não lhe permittia levar á scena a opera na Italia.

Foi nesse tempo que se encontrou alli com o maestro Joaquim Franco, que estava organisando uma companhia lyrica.

Franco, sabedor do occorrido, concebeu logo a idéa de dar no Theatro da Paz, no Pará, a estréa do *Duque de Vizeu*, o que se fez em 1893, encarregando-se do desempenho os seguintes artistas italianos: Martinez Patti, Maria Bosi, Petich, Dominici e Rusconi, sendo director da orchrestra o maestro Cornetti.

Em 22 de junho de 1895, Carlos Gomes, o immor-

tal maestro nacional, escrevia ao emprezario F. Brito, do Rio, recommendando-lhe o *Duque de Vizeu*:

«Amigo F. Brito.—O sentido destas linhas é especialmente para lhe apresentar e recommendar muito vivamente o meu jovem collega compositor E. Bosio, musicista de primeira ordem.

Elle é autor de uma opera de assumpto portuguez muito interessante: *Duque de Vizeu.*

Pelos trechos que ouvi desse importante trabalho ao piano, reconheci em seu egregio autor as qualidades de operista distincto e conhecedor do melodrama moderno. — *Carlos Gomes.*»

E em 30 de setembro de 1896 o grande pianista portuguez José Vianna da Motta, deste modo se referia ao mesmo trabalho:

«Caro sr. e amigo maestro Ettore Bosio.—Percorri com grande interesse a sua opera *Duque de Vizeu*, talvez a primeira opera seria escripta em portuguez. (1) Lisongeia-me o seu pedido e exponho-lhe francamente a minha opinião.

Acho o seu trabalho sério. Revela um grande sentimento dramatico, a melodia é facil, fluente e expressiva; as situações como os caracteres estão bem definidos e coloridos, o interesse mantem-se sempre pela distribuição artistica dos contrastes. A maneira como emprega alguns motivos durante toda a peça é perfeitamente inspirada na forma moderna da opera. As vozes estão tratadas de maneira a dar excellente occasião aos cantores para brilharem facilmente, a orchestra é discreta, transparente e bem colorida.

Por isso creio que o seu *Duque de Vizeu* produzirá grande impressão a qualquer publico que o ouça, como já aconteceu nesta cidade, e desejo-lhe que o seu talento continue a ser admirado igualmente em todos os logares onde se fizer ouvir.

Agradeço-lhe o prazer que me proporcionou e saudo-o como seu amigo.—*José Vianna da Motta.*»

Em 1912, fazendo uma viagem de recreio pela Europa, Bosio deu, na sua passagem em Lisboa, uma au-

(1) Naquelle tempo ainda não haviam sido compostas as operas portuguezas *Amor de Perdição* e *Serrana*. (N. d. B.)

dição do *Duque de Vizeu* na casa de musica do maestro Neuparth, assistida pelo proprio autor do drama, H. Lopes de Mendonça, maestro Luiz Bahia, director do Conservatorio, maestro Antonio Machado, eximio operista e professor de canto no supracitado estabelecimento, maestro Neuparth, professor de harmonia e mais outros artistas de reconhecido merecimento. No dia seguinte, Lopes de Mendonça offereceu ao autor da opera um volume do drama da sua lavra, encimado por esta honrosa dedicatoria: «Ao insigne Maestro Ettore Bosio, cuja bella inspiração foi despertada por este drama, offerece—*H. Lopes de Mendonça*», e o maestro Neuparth escreveu no *Diario de Noticias* as suas impressões sobre o trabalho de Bosio, fazendo-lhe os mais calorosos elogios.

*
* *

São estas as composições do maestro Ettore Bosio, algumas dellas ainda ineditas:

Operas melodramaticas:

I Vesperi, em 2 actos.
La Coppa d'Oro, em 1 acto.
Ideale, em 1 acto.
Semèle, em 1 acto.
Duque de Vizeu, em 3 actos.
Alessandra, em 3 actos e em preparação.

Trabalhos symphonicos para orchestra:

Scherzo Danza.
Preludio in fa.
Omaggio a Carlos Gomes.
Marcia Elegiaca Umberto I.
A Tabóca do Ceguinho, scena pittoresca brasileira.
Nazareida, poema symphonico em 3 partes; Cirio, No Arraial, Idylio e Dança.
Andante Melancolico.

Peças diversas:

1 pequeno album com 5 peças para piano.
Largo Piangente, para quintetto.
Vogando, barcarola para pequena orchestra.

A Pequenina, texto em portuguez, para canto e orchestra.

Esser Vorrei

Flor da Morte } romanzas para piano e canto.
e *Addio* }

Marcha Triumphal Augusto Montenegro.

Estalidos, galope para orchestra.

Diversas marchas para bandas.

Olympia, valsa.

Olympia, marcha solenne, para orchestra.

Serenata Campestre

All'Antica, gavotta.

Ricordo Hungaro e

Samba do Costa, para sextetto, e diversas outras.

O DUQUE DE VIZEU

(ARGUMENTO)

ACTO I

Sala nas casas do arcebispo de Coimbra, habitadas pelo infante e Duque de Vizeu.

SCENA I —O Duque de Vizeu, respirando vingança, recorda-se da morte do seu irmão, o Duque de Bragança, perpetrado por ordem do rei. D. Fernando, que o acompanha, procura tranquilisal-o, lembrando-lhe que o rei é seu cunhado, pois é marido da rainha, sua irmã. «Embora!» replica o Duque; e depois de dar largas á sua colera ordena-lhe que saia.

SCENA II: —O Duque ficando só, diz ainda que ha de vingar-se ou morrer, mas n'isto lembra-se de Margarida, a quem ama, e diz que só por causa della terá pesar de deixar a vida. N'este momento Margarida bate á porta secreta que o Duque vae abrir.

SCENA III:—Duetto de amor entre o Duque e Margarida, que nota a sua exacerbação, procura saber a causa e tenta acalmal-o. Batem á porta do fundo. O Duque manda a Margarida que se esconda e vae abrir.

SCENA IV:—Entram o bispo de Evora, Fernando de Menezes e outros conjurados. Scena de conspiração. Todos tem palavras de guerra, vingança e morte contra o rei. O Duque e D. Fernando cantam:

A Patria querida, das sombras da morte
Salvemos, soldados da paz e da guerra
Luctemos na sombra, que importa o punhal
Se o sangue que escorre venenos encerra
A Patria querida, nas sombras da morte
Luctemos bravios na guerra final!

Todos separam-se protestando vingança e promettendo luctar até a morte.

SCENA V: — Margarida entra, dizendo que ouviu tudo, e, espavorida, tenta dissuadir o Duque do seu criminoso projecto. Diz-lhe que quando elle chegar a cingir o diadema real se esquecerá do seu amor por ella. O Duque, porém, protesta que, em qualquer condição em que o colloque a sorte, nunca se esquecerá da sua Margarida. Batem á porta da esquerda: é um signal para o Duque de que sua mãe lhe quer fallar. Despede-se de Margarida e sae apressado.

SCENA VI: — Margarida fica só e dá expansão aos sentimentos de ternura, inquietação e receio, de que o seu coração está repleto. Quando abre a porta para sahir, apparece no limiar seu irmão, Diogo. Margarida recúa aterrada.

SCENA ULTIMA: — Margarida exclama: «Tú, meu irmão!» e cáe desmaiada. Diogo adianta um passo e replica ironico: «Tu neste logár, senhora!»

ACTO II

SCENA I: — El-rei entra pensativo no seu gabinete, absorto nas suas cogitações e devorado pelos remorsos, que lhe fazem proferir frazes vehementes.

SCENA II: — Antão entra e participa ao rei que um frade lhe deseja fallar sobre negocio urgente. O rei acautela-se contra qualquer cilada, e manda-o entrar.

SCENA III: — O frade que não é outro senão Diogo, o irmão de Margarida, declara ao rei que procurou aquelle disfarce para fallar-lhe com mais facilidade áquella hora. Diz que tem negocio importante a communicar, e descobre a conspiração do Duque de Vizeu. O rei, desconfiado, pergunta-lhe qual o movel que o levou a fazer esta delação. Diogo declara que o seu movel é a vingança: pois tem uma irmã a quem muito amava, e o Duque de Vizeu a seduzio e deshonrou. O rei despede-o, promettendo recompensal-o se elle continuar a auxilial-o na perseguição aos rebeldes.

SCENA IV: — Entra a rainha, que dirige algumas palavras affectuosas ao rei tentando dissipar a sua negra

melancolia, cuja causa ella sabe ser o remorso. O rei a recebe com aspereza e evita-a, retirando-se bruscamente. A rainha tambem se retira. Fica a scena deserta.

SCENA V:—Entra o Duque de Bragança, disfarçado em guarda. Falla na sua vingança, cuja hora se aproxima, e antegosa o prazer de ferir o seu cruel inimigo. Sem poder mais conter-se, corre á porta do rei que tenta abrir, mas acha-a fechada cautelosamente. Emprehende forçal-a, quando entra e o surprehende a rainha.

SCENA VI:—A rainha lança em rosto ao Duque o seu projecto sanguinario, e nega-lhe o nome de irmão. O Duque exprobra-lhe tambem o esquecer por amor do marido o assassinato do irmão, por este mandado perpetrar. A rainha tenta dissuadil-o dos seus funestos designios. O Duque diz que tem sêde de vingança, e mostra-se inabalavel. Corre de novo para a porta com o fim de arrombal-a. Ouve-se dentro a voz do rei, que pergunta quem bate. Ao ouvir essa voz a coragem do Duque desfallece, e a rainha para salval-o, fal-o occultar-se.

SCENA ULTIMA:—Entra o rei seguido de Antão, guardas e pagens, e procura saber a causa daquelle insolito rumor. A rainha finge ignorar. El-rei suspeita que tramam contra a sua existencia, e desembainhando a espada protesta que ha de saber defender a Patria e o throno.

ACTO III

Gabinete de el-rei contiguo á capella real.

SCENA I:—O rei, sempre pensativo, sahe da capella monologando. Olhando para o crucifixo, diz que, se o proprio Christo, que éra Deus, morreu, não é muito que morra tambem um rebelde. Ajoelha-se e ora. Ouve-se dentro toques de corneta, soldados que resam a Ave-Maria, e freiras que tambem resam com acompanhamento de orgão; vae escurecendo. O rei exclama: «Como tudo isto é triste!» e sente redobrarem os remorsos, cuja voz procura dominar.

Scena II: — Entra Diogo, sempre disfarçado em frade, e faz novos protestos de dedicação ao rei. Este diz-lhe mysteriosamente que naquella noite deve chegar o Duque de Vizeu. Entra na capella dizendo que «vae mais uma vez pedir perdão a Deus».

Scena III: — Diogo, só, lembra-se do fim que está reservado ao Duque, e põe-se a monologar sobre a contingencia da vida e da felicidade humana. Sáe. Ouve-se o orgão da capella. Ao longe uns sons confusos de cornetas militares. E' noite. O palacio fica por instantes deserto.

Scena IV: — Entram o Duque de Vizeu, e Diogo que o acompanha; este diz que o rei está resando; o Duque responde que o esperará. Diogo sáe, lamentando comsigo, ironicamente, o fim prematuro reservado ao Duque.

Scena V: — O Duque, só, sente a coragem desfallecer de novo, e procura dominar-se, protestando que ha de matar o rei.

Scena VI: — O rei entra, e trata o Duque com fingida amabilidade, dizendo outrosim que pede a sua protecção, pois sabe que ha conspiradores que tentam matal-o. Perturbação do Duque, que finge ignoral-o. «Dizei-me, continúa o rei, se soubesseis que alguem vos queria tirar a existencia, que farieis?» O Duque sobresalta-se; el-rei insiste: «Que farieis?» — «Tal não ha de acontecer, senhor!» — «Mas se te acontecer, torna o rei, se te ameaçar um punhal traiçoeiro?» O Duque responde involuntariamente: «Eu matarei primeiro!» — «Pois morre, infame!» exclama o rei, e o apunhala traiçoeiramente. O Duque cáe, exclamando: «Traidor, rei perverso, assassino!» — Entretanto o rei murmura sombrio:

Posso cumprir agora o meu destino,
Meu sagrado ideal!
Serei, emfim, o rei de Portugal?

Scena VII: — O Duque, só, expira, tendo nos labios o nome de Margarida, e o seu amor.

Scena VIII: — O palco está totalmente escuro. Uma restea de luz, que vem da capella, illumina frouxamente o cadaver, Margarida entra desvairada, trazendo na mão um punhal ensanguentado. Tropeça no cadaver do

amante, reconhece-o, chama por soccorro, e cae desmaiada.

SCENA FINAL: — Acódem o rei, a rainha, o bispo de Evora e outros senhores e pagens. Espanto e consternação geral. O rei diz baixo a Margarida, que torna a si: «Teu irmão contou-me tudo!» — «O labio delle será sempre mudo» — «Porque?» — «Matei-o!» — O rei ordena que a prendam. Margarida diz que é inutil, e apunhala-se, cahindo junto ao cadaver do Duque e dizendo: «Contigo morro, ó meu eterno amor!» — Todos, menos o rei, que fica sombriamente pensativo: «Horror! Horror!».

Entre os artigos publicados na imprensa, nas diversas cidades onde foi representada esta opera, citaremos uns trechos, ao acaso: Eis algumas opiniões dos jornaes da capital do Pará, onde estreiou o *Duque de Vizeu:*

O Duque de Vizeu—Opera de Ettore Bosio—Estréa—Grande Successo.—O espectaculo de ante-hontem ficará para sempre notado entre os mais memoraveis que se tem dado no Theatro da Paz.

Muito antes de começar a funcção já não havia um só bilhete a venda, nem mesmo um de *paraizo*, e alguns possuidores vendiam-n'os com enorme agio! As pessoas que voltaram da porta por não obterem entrada bastariam seguramente para preencher outro tanto da lotação da nossa vasta e bella sala de espectaculos.

Diante d'aquella multidão compacta, brilhante, solemne, devorada por uma anciosa espectativa que se lia em todos os semblantes, levantou-se o panno ás 8 $^1/_2$ horas em ponto.

Até o final do 1.° acto os espectadores conservaram-se numa fria reserva, talvez mesmo por demais sustentada. Uma ou outra vez as palmas estiveram a estalar mas eram logo comprimidas. O terminar do 1.° acto, porém, foi o começo da ovação; ovação unanime, enthusiastica, estrondosa, delirante, que acompanhou d'ahi por deante a execução inteira da opera.

Foram chamados innumeras vezes a scena os maestros Bosio, autor da opera; Franco, emprezario; Cornetti, regente da orchestra, e os artistas todos, sendo victoriados em frenesi, com delirio...

* * *

O Duque de Vizeu—Ha em todo o Brasil, aqui no Pará principalmente, a tôla presumpção, a stulta sabedoria (perdoem-me o desencontro) de sómente admirar-se o que já nos vem de fóra consagrado pela critica es-

trangeira, o que já foi applaudido por um outro povo qualquer.

Isto que digo vê-se succeder todos os dias e foi o que mais uma vez se deu com a novel peça *O Duque de Vizeu*, obra do maestro italiano Ettore Bosio.

E no entanto talvez que nunca fosse mais injusta a prevenção do que a que houve contra essa nova opera, prevenção que, felizmente para o conceito da nossa platéa, desvaneceu-se como que por encanto ante a audição da peça.

Primeiro, na critica que vamos fazer, notaremos as não poucas difficuldades que teve de vencer a Sig. Ettore Bosio para apresentar-nos um trabalho bom como incontestavelmente é o *Duque de Vizeu*.

Realmente a Sig. Bosio não querendo se filiar a nenhuma escola de musica, senão a moderna, teve não pouco trabalho em seguir ovante o seu intuito, hoje, que ainda essa escola é tão pouco conhecida, e, mais do que isso, é tão pouco comprehendida.

As difficuldades de uma partitura em taes condições juntou-se ás de adaptal-a a lettra; difficuldade não pequena se attendermos a que era necessario maximo cuidado e grande conhecimento da lingua portugueza, em que é escripto o libretto.

O Duque de Vizeu, (cuja lettra não é das melhores digamos desde já) soube conquistar saliente logar entre as modernas composições; pelo menos collocou-se egual da *Cavalleria Rusticana*, de Pietro Mascagni, e muitissimo acima do *Bug-Jargal* do nosso comprovinciano Malcher.

Com effeito a musica cheia e vigorosa do *Duque de Vizeu* não póde ter paridade com os effeitos faceis, com os retornellos assimilados d'outros maestros, que em não pequena porção encontram-se nas composições de que acima fallamos apezar de serem ambas ellas de merecimento conhecido...

No primeiro acto o côro dos punhaes, na conspiração que se trama; o primeiro duetto do duque e de Margarida; a ária de Diogo Tinóco e da *arma vingadora* cantada pelo Sr. Patti; o concertante do fim do 2.° acto, a entrada de Margarida e o final do 3.°; são todos trechos apreciaveis, de grande sentimento e valor.

A platéa soube comprehender o distincto maes-

tro; applausos merecidos coroaram-lhe os esforços, sendo por varias vezes chamado insistente e enthusiasticamente á scena no fim de cada acto.

*
* *

Duque de Vizeu—Ante hontem foi cantada em portuguez, pela primeira vez nesta estação lyrica, a bella opera em 3 actos, do habil maestro Bosio.

Ha muita arte e muito gosto pela musica moderna na opera do Sr. Bosio.

Mesmo cantada em portuguez que não é a lingua da musica, ella é sublime...

*
* *

Pelo que respeita ao concerto em que tomaram parte alguns dos nossos melhores *virtuosi*, diremos que foi uma regular funcção artistica, fechando com um trecho da opera *Duque de Vizeu* do maestro Ettore Bosio, trecho incontestavelmente bellissimo e que nos fez lamentar não ter sido levado aqui a scena a producção inteira do seu intelligente autor. Ettore Bosio é uma organisação de artista, um temperamento de trabalhador para quem a arte tem seducções inextinguiveis. Não contente com haver dado no *Duque de Vizeu* uma producção original, pensa, segundo nos dizem, em extrahir uma opera da *Morgadinha de Val-Flor* que, pela sua natureza romantica, muito se presta ao drama lyrico...

*
* *

São dos jornaes amazonenses as seguintes opiniões:

Si a intenção do legislador amazonense, votando uma subvenção annual para estações regulares de opera lyrica, foi tão somente proporcionar ao povo ensejo de educar o gosto musical, familiarisando-se com os autores conhecidos e popularisados em milhares de audições, força é confessar que a empreza da actual temporada, que, valha a verdade, não foi lá das melhores que temos tido, ultrapassou as vistas legislativas e, como nos theatros subvencionados das grandes capítaes, fez jús ao subsidio official introduzindo no seu repertorio um

trabalho inedito, como é o *Duque de Vizeu*, drama-lyrico de composição do talentoso maestro Ettore Bosio, regente da orchestra no Eden-Theatro.

O libretto da opera é extrahido da obra de egual titulo, do poeta portuguez Lopes de Mendonça, e faz parte da série de peças historicas que, com successo litterario talvez maior que o suffragio das platéas, teem ultimamente subido á scena em Lisbôa no Theatro D. Maria, com o fim de elevar o theatro nacional do abatimento em que o prostaram as imitações e traducções do francez; o Sr. Bosio, apoderando-se desse assumpto, para sobre elle compôr a sua musica, abalançou-se a fazer cantar uma opera em lingua portugueza—pois que o libretto é escripto na propria lingua do drama d'onde foi extrahido, e mesmo conserva muito de perto os sonoros versos de Lopes de Mendonça.

Antes de mais nada, devemos declarar que não acompanhamos a opinião de muitas pessoas, condemnando peremptoriamente a idéa de compôr musica sobre palavras portuguezas, por acharem que a nossa lingua *não se presta* a isso.

Desde que a musica é boa, pensamos nós, sem pretenção a doutrinar, toda a lingua se presta: o ponto é saber escolher os vocabulos que melhor se casem com as notas do canto.

Mas quando mesmo a tentativa do Sr. Bosio, por esse lado não tenha a importancia que julgamos deveria ter, o seu trabalho de compositor achamos que é digno da attenção dos entendidos sobretudo por constituir uma demonstração dos seus conhecimentos de artista sabedor da sua arte, no que ella tem de mais desenvolvido e de mais moderno.

Nestas chronicas, não nos cansamos de repetir que não fazemos senão um simples registro dos espectaculos da companhia lyrica; e nunca a nossa incompetencia, unida ás poucas audições que tivemos do *Duque de Vizeu* pesou-nos tanto na consciencia como agora, que desejariamos poder desenvolver todas as occasiões que o Sr. Bosio encontrou no decurso do drama, para expandir os seus merecimentos.

Entretanto, citaremos, como um bello pedaço de inspiração o duetto de amor do primeiro acto, e no terceiro, o bem trabalhado trecho da Ave-Maria cantada

nos bastidores, emquanto outro thema se desenrola em scena, e a orchestra executa um motivo tambem differente, trecho esse que, com uma orchestra mais numerosa e disciplinada, e uma companhia melhor organisada, com certeza abriria brecha na velha rotina das melodias a que estamos habituados por annos e annos de Traviatas e de Lucias, etc...

*
* *

Perante regular concorrencia cantou-se ante-hontem como fôra annunciado, o drama lyrico em portuguez *Duque de Vizeu*, musica do maestro Ettore Bosio.

O libretto é conhecido de quasi toda a gente; a musica porém é nova e agradou bastante.

Ao terminar o espectaculo foi repetidas vezes chamado ao proscenio o Sr. Bosio, sendo muito victoriado...

*
* *

Da imprensa da capital do Estado do Maranhão são as linhas seguintes:

Opera de Ettore Bosio — O maestro Ettore Bosio teve a gentileza de nos convidar para a audição da sua opera *Duque de Vizeu*. Accedendo a tão delicado convite, fomos ouvir os pedaços mais notaveis da opera, deixando-nos elles uma agradavel impressão no espirito.

A audição revelou-nos ser o trabalho de Bosio uma obra esmerada, vasada em moldes modernos, de harmonia com uma intuição completa dos fins que a musica na actualidade se propõe. Bosio não sacrifica a lettra ao canto como fazem os italianos commummente, nem o canto á lettra como soiam fazel-o os mestres de musica allemã do passado. A phrase musical para correr sonora não acaba com o correcção e valor da phrase poetica, adaptando-se uma a outra perfeitamente como duas irmãs gemeas que se dão as mãos.

E' o *Libretto* do *Duque de Vizeu* obra de um brazileiro — Pacheco Netto — que o extrahio da obra genial de Lopes de Mendonça, tão apreciada pelos apreciadores do drama moderno. São faceis os versos de Pacheco Netto, correm melodiosos, havendo para nós a vantagem de serem em lingua portugueza, o que permittirá que pela

primeira vez no Brasil se cante uma opera no idioma do paiz.

D'entre os trechos que ouvimos, salientamos os seguintes que nos pareceram um primor.

O duetto entre soprano e tenor, na scena III do 1.° acto que começa assim:

DUQUE: — O' falla, Margarida, falla,
Como é doce e suave e branda tua celeste voz.

O côro dos conspiradores na scena IV, que assim abre:

BISPO: — O' Christo que morrestes n'uma cruz
Dá-nos a liberdade, dae-nos luz:

A *romanza* do tenor:

Tu sabes o que é ter na vida
Uma alegria quasi eterna etc.

A *romanza* do barytono:

Pois bem, tenho uma irmã:
A alegria do lar, etc.

A ária do contralto:

Suspende, irmão, suspende, etc.

O trecho a solo do basso:

Christo foi morto n'uma cruz, etc.

Todos estes trechos são bellissimos e recommendam o spartito do maestro Bosio.

*
* *

Da imprensa de Bologna (Italia) são as opiniões seguintes, publicadas sobre a prova publica de concurso do *Liceo Musicale* desta cidade:

« Nella scuola di composizione ha mostrato speciale attitudine e buon gusto il signor Bosio, allievo di ultimo anno. Tre suoi lavori abbiamo udito, una *Cantata*, una *Barcarola* ed una *Marcia* con cori. Tutti e tre questi lavori mostrano in modo evidente una naturalezza e disinvoltura grande nello svolgimento, e le idee melodiche in ispecie dei due ultimi pezzi oltre ad essere interessanti, hanno anche una impronta relativamente originale. La *Barcarola* è istrumentata con grande eleganza e le voci del coro sono abilmente disposte con vaghi effetti di smorzando. Nella *Marcia* invece vi sono effetti di sonorità e progressiono condotte con imponenza ed intreccio armonico distinto. Il Bosio con questi suoi primi lavori ha dato saggio di avere attitudine anche alla musica dramatica, giacchè il carattere dei singoli brani sempre si addice ai condetti che la poesia e il momento descrittivo richiedono »...

« La scuola di composizione principalmente va notata per i due lavori del valente giovane Ettore Bosio: una *Barcarola* ed una *Marcia* per cori con accompagnamento d'orchestra. La *Barcarola* merita un grande elogio e non deve essere trattata come composizione di alunno ma come ed un maestro distinto, giacchè è in essa grande eleganza, istrumentazione felicissima e nuova, melodia interessante ed un sentimento vago e generale di placida calma che ben si addice ed efficacemente estrinsica e concetti della poesia dei cori. E molto giudiziosamente il maestro fedele al testo poetico ha animato anche la composizione musicale quando alla seconda strofa le parole esprimono preghiera fervente. Questa *Barcarola* è un brano che il publico avrebbe dovuto far replicare, se gli applausi dovessero essere in ragione diretta del merito intrinseco...

... « Finalmente el Bosio in due pezzi per coro ed orchestra una *Barcarola* ed una *Marcia*, diede prova di eletta invenzione melodica e di una istrumentazione sempre interessante, ingegnosa e di una impronta assai personale. La *Marcia* del Bosio ebbe gli onoro della replica...

... Ettore Bosio invece, che ha presentato una *Barcarola* ed una *Marcia* per cori ed orchestra, si à rive-

lato pieno di buon gusto appropriando con fine senso artistico la musica alle parole, che se la *Marcia* ha avuto l'onore della replica, la *Barcarola* è, a mio credere, delle due la più nuova per forma e per processi armonico ed è insieme la più caratteristica...

Chiusero degnamente il programma una bellissima *Barcarola* ed una *Marcia* efficace per cori con accompagnamento d'orchestra del signor Bosio alunno d'ultim'anno d'ella scuola di composizione: la *Marcia* so volle bissata. Lodevolissimi i cori della scuola di canto corale del prof. R. Santoli...

I critici del sig. Chiesa se lo tengano a mente. E rammentino ancora che i versi di lui hanno dato occasione al sig Bosio di scrivere una elegantissima *Barcarola* ed una poderosa *Marcia* per orchestra e cori, ricche di concetti, di bella istrumentazione e di ben distribuite sonorità.

Di modo che sarebbe bene, che la *coppa d'oro* si presentasse al giudizio della critica, accompagnata dalla musica del sig. Bosio...

*
* *

E sobre a segunda prova de concurso do mesmo Liceu, escolhemos entre outros as seguintes criticas da imprensa bolognense:

Opera Ideale — (Argumento e critica) — « Sulla deserta spiaggia del mare sta un cavaliere assorto in tetri pensieri; mentre gli danzano intorno le ore dell'aurora i primi raggi del sol invadano in cielo. Fra, i vapori che si diradano assurge dal mare una bianca parvenza che a poco a poco prende la vaga forma d'una donzella. Il Cavaliere sospira intanto alle

> ... larve
> cui la terra dà vita.
> che pianse al sogno ratto, che disparve..
> da l'anima tradita.

Gli si mostra a un tratto l'apparizione ed egli, ra-

pito, le chiede il nome e che non gli voglia negare amore. Il Fantasma gli dice essere:

. . . de la queta tenebra notturna il gemente alitar
e che

quanto creava Iddio col *suo* sospiro.
sperde, distrugge, annienta.

Questa non impenna il cavaliere che, chiamandola il suo ideale, coglie da quelle labbra il bacio che nella voluttá d'amore gli toglie la vita: il fantasma dispare fra i nimbi mentre le ore passano nella loro fantastica ridda.

A questa scena dramatica che il suo autore, Gustavo Chiesa, intitolò *Ideale* scena buona per posizioni, non sempre per versi — Ettore Bosio s'ispirò e musicatala la presentò ieri al numeroso pubblico accorso al nostro Liceo.

Un breve preludio per archi e legni prepara il canto delle ore, non troppo efficace e non molto adatto, secondo il nostro parere, alla voce di bambini. Nell'orchestra intanto si svolge un bel canto; attaccano quindi i soprani e con un crescendo d'effetto grandissimo si chiude questa prima parte del pezzo. Segue l'*aria* del tenore condotta stupendamente ed affascinante; l'*allegro* del soprano è originale e piacevole assai. Il duetto che segue a frasi staccate è degnissimo di lode ed il *finale* impressiona vivamente per la bella melodia e l'istrumentazione magistrale. La fattura tutta della cantata è buonissima e lascia travedere la mente colta dell'autore: le melodie, per quanto scarse, son distinte e ben condotte. Ettore Bosio con questo lavoro, e con quelli pure applauditissimi che udimmo domenica scorsa, ci dá promesse ottime: ne attendiamo presto opera maggiore in cui meglio ancora ci riveli il suo bell'ingegno. . .

« Ettore Bosio, che nell'altro esperimento si era mostrato compositore originale, colla sua cantata *Ideale* si è addimostrato fornito di ciò che è indispensabile a chi scrive per il teatro Certe *progressioni*, certi *crescendo*, certe forme melodiche e certi modi di svolgere e commentare la melodia, sono propri di chi ha una disposi-

zione spiccata per la melodrammatica. Però non s'illuda perchè il teatro è traditore e la così detta *teatralità* non si acquista che con lungo studio e sperimentandosi, giacchè non di rado accade che il compositore si riprometta di trarre un detterminato effetto sull'animo di chi lo ascolta e non raggiunga il suo intento. In prova di ciò cito il primo coro di raggazi nella cantata del Bosio:

Danziamo, danziamo!

in cui, se il dettaglio orchestrale è ben riuscito e caratteristico, le voci infantili vi si trovano a disagio e se il Bosio vuol convenirne, certi passaggi di questo coro saranno certamente risultati assai più chiari alle prove di camera che alla esecuzione. Ad ogni modo però l'interpretazione delle parole é giusta, poichè appaiono musicalmente commentate a dovere.

Il coro di donne *I raggi del sole* che segue e s'intreccia con quello dei ragazzi, *Le Ore*, é pure felice, e guida con un ben condotto crescendo al finale della prima parte.

Ma ciò che merita maggior elogio è l'aria del tenore che Ugo Candio ha detto, da quel provetto artista che è, in cui la melodia purissima preparata da un indovinatissimo preludio d'orchestra, scorre chiara e si svolge con facilità e naturalezza.

Segue un duetto fra tenore *Il Cavaliere* e mezzo-soprano *La Fantasima*, in cui v'è pure molta originalitá; originalità portata, a dir vero, alla esagerazione nella *ballata* del mezzo-soprano:

Son della queta tenebra notturna
il gemente alitar.

e che costringe il mezzo-soprano a qualchè acrobatismo vocale, che se ha del caratteristico manca però di estetica.

Una represa dei cori di bellissimo effetto chiude questo lavoro e se è vero che la bella giornata si conosce dal bel mattino, senza essere profeta credo di poter predire al Bosio un brillante avvenire...

...Il lavoro più importante che abbiamo uditto ieri è quello del Bosio, una scena drammatica intitolata

Ideale di cui però — causa la ristrettezza del tempo — non fu possibile eseguire che pochi brani. Sopra un libretto dei più sconclusionati, il Bosio ha saputo scrivere una musica che rivela un ingegno ed un temperamento artistico felicemente dotati; il giovane compositore segue nell'arte un indirizzo ottimo ed in lui è continua la influenza dei migliori fra i giovani maestri italiani, il Boito ed il Puccini. Non ci è possibile parlare dettagliatamente di ognuno dei quattro pezzi che abbiamo udito; basti il dire che il lavore si dintingue per un canto finamente modulato che segue ed esprime con talento il concetto poetico, per lo strumentale sempre vario, brillante e pieno d'interesse, e per un caldo soffio di passione drammatica ed un senso bene inteso di teatralità che dà bene a sperare per l'avvenire.

La composizione fu applauditissima e...

... Il sig. Ettore Bosio della scuola di composizione del prof. Martucci, del quale udimmo qualche pezzo anche domenica scorsa, ci ha fatto gustare dei brani di una sua scena drammatica intitolata: *Ideale*. L' impressione che ne ricevemmo fu buona, anzi in alcuni punti addirittura eccellente, etc., etc...

*
* *

Sobre os primeiros concertos dados na cidade de S. Paulo, assim se manifestou a imprensa:

Realizou-se ante-hontem no salão do theatro S. José, o annunciado concerto do maestro Ettore Bosio.

A concorrencia regular apesar do máo tempo, teve occasião de apreciar devidamente o magnifico programma, e, ainda mais, conhecer de perto esse artista que, residente entre nós desde ha muito, só nessa noite mostrava a sua verdadeira individualidade, isto é: um compositor fino, original e de grande merecimento.

Pedimos venia para nos occuparmos hoje, só, e unicamente do maestro Bosio. As suas composições foram ante-hontem, uma revelação para o publico de S. Paulo que teve a surpreza de ouvir peças de verdadeiro peso, não obstante serem ellas escriptas para grande orchestra... Figarote (o chronista) conhece instrumentações de E. Bosio e pode portanto asseverar a quem

ler estas linhas que elle maneja com rara felicidade as massas instrumentaes, e as suas partituras são dignas de serem lidas por todo aquelle que se dedica a arte musical e, sobretudo, á symphonica.

Das peças do programma agradou-nos immensamente o magnifico *Preludio* em fá maior, que a par de uma melodia simples e clara, reune uma forma bem accentuada e uma harmonisação sempre interessante e as vezes mesmo, completamente nova.

A *Marcha Funebre* que foi expressamente composta para ser executada na *cerimonia funebre* em memoria do *Duque de Aosta* e, que por falta de orchestra não o foi, é uma composição de valor pela sua côr grave e forma um tanto nova.

O *Scherso Danza* é um *bijou* no genero. Foi magnificamente interpretado, com muita delicadeza e com fino colorido.

O concerto finalisou-se com a marcha da *Coppa d'Oro* que, estamos certos, produzirá grande effeito sempre que fôr executada com orchestra e côros como o original.

Ao maestro Bosio foram offerecidas lindas flores e por varias vezes chamado e applaudido enthusiasticamente pelo auditorio.

Ettore Bosio possue, (o que é rarissimo) uma individualidade e estylo completamente seus; as suas composições pertencem ao genero italiano *porém ao italiano bom, moderno e são*; a esse *italiano* que é hoje cultivado por poucos, por muito poucos mesmo; por aquelles que mais tarde com justiça se proclamarão os reformadores da hoje decadente musica italiana.

Ettore Bosio é um reformador; póde com o talento que tem, illustrar a sua patria de mais de um volume das obras importantes, si quizer impôr-se as intemperies da sorte e, etc...

* * *

... Na verdade o *preludio in fa* com que foi aberto o concerto é um trabalho brilhante, modelado segundo uma escola moderna e que attesta o talento do Sr. Bosio; bem assim a *Marcha Funebre* e o *Scherzo Danza.*

A *Marcha Triumphal* extrahida da opera *Coppa d'Oro* é como as demais que tivemos ante-hontem occa-

são de ouvir, vasada em moldes novos e que por isso talvez não agradasse a todos, porém queremos crêr que será o estylo musical que tende a predominar d'esta epoca em diante.

O maestro Ettore Bosio merece todo o auxilio do nosso publico porque está em condições de apresentar trabalhos magistraes, de agradabilissima audição e que com certeza vão concorrer muito para o cultivo do verdadeiro gosto musical entre nós...

*
* *

Ainda em S. Paulo, Pacheco Netto assistio a uma audição de *Semèle* opera de Bosio, e ficou encantado. Vejamos como elle proprio dá conta das suas impressões em uma carta dirigida a Alfredo Prates e publicada por um diario de S. Paulo, em 28 de Junho de 1890:

...Como noticiaste em teu brilhante *Jornal da Tarde*, realisou-se hontem no salão superior do theatro de S. José o concerto de Ettore Bosio.

Conheci este bello rapaz em uma noute artistica em sua casa numa reunião de amigos. Bosio *fazia* uma audição da *Semèle*.

E certo, ignoras (porque Bosio é um escravo covarde da modestia!) ignoras que *Semèle* é, para assim dizer, um escrinio inestimavel dentro do qual Ettore Bosio derramou na precipitação do seu temperamento selvagemente nervoso toda uma potozziana riqueza de pedraria varia e rutilante. *Semèle*, é uma opera em um acto, libretto do talentoso poeta italiano Luiz Bresciani, e musica desse... Bosio que tem talento ás direitas, e uma profunda e criteriosa erudição musical; cultiva a arte não como o dilettanti filho da Italia que ao nascer, parece, deve chorar... cantando; mas cultiva-a como verdadeiro artista diplomado que é do conservatorio de musica de Bologna; lá ouvido, lá applaudido, lá consagrado como valente interprete da sublime loucura de Schumann, da suave poesia de Mendelsohn e do sonho epico de Wagner.

Foi nessa noite que eu conheci o Bosio. Modesto, muito modesto, dentro do seu *costume* de fazenda escura, um riso para todos, os cabellos castanhos erguidos, verticaes, firmes rijos numa tenacidade de sentinellas in-

cansaveis; ouvindo uma phrase aqui, repetindo-a a outrem; um copo de cerveja, a faisca fina de uma pilheria italiana cortando o ar; o piano preto num angulo do aposento, grave, silencioso, imponente, como que a esperar ser dahi num instante, quando a voz lhe desapparecer no fallecimento das vibrações, o testemunho victorioso de uma grande lucta e de uma grande gloria...

Ouvi a *Semèle;* na descripção da tempestade quando Jupiter sacode os elementos do Vacuo na furia vencedora do seu amor invencivel, lembro-me que... esqueci-me de mim proprio! Bosio possuio-me todo em alma, todo em admiração, num deslumbramento de gozo e de enthusiasmo. Despertei com os applausos. E elle continuou... Mas agora reparo. Tem esta carta o titulo de Concerto Bosio e delle, até então, nem palavra! etc... eu repito: a festa foi do Bosio! Para que andar a se dizer que o Bosio tem talento, assim, a guiza de quem quer provar uma cousa que não seja por todos acreditada? — Pois hontem não se ouviram o *Preludio em fa*, a *Marcha Funebre*, o *Scherzo Danza* (bizarra, nervosa, moderna e como tudo quanto elle faz, sobresahindo sempre a originalidade em suas composições), o *Pianto*, o *Capricio*, e a *Marcha Triumphal da Coppa d'Oro*? Viva o Bosio!

* * *

Da *Gazeta Musicale de Milano*, sobre o mesmo assumpto:

San Paolo (Brasile) — Il concerto dato dal valentissimo maestro Ettore Bosio riusci splendidamente al teatro San José. Il publico era accorso in folla e fece delle vere ovazioni all'egregio musicista. Tra le composizioni del Bosio stesso piacquero soprattuto il *Preludio in fa* per due pianoforti, egregiamento eseguito dall'autore e dal conte Rozwadowski (console italiano) distintissimo cultore dell'arte musicale; quindi la *Marcia Funebre* scritta in memoria del compianto Duca D'Aosta e lo *Scherzo-Danza*, nei quali oltre l'autore si distinse la contessa Rozwadowska — e la *Marcia Trionfale* dell'opera *Coppa d'Oro*, un pezzo degno veramente di grande maestro.

Presero parte gli artisti Vettarazzo, Bastiani, Machado, Chiapparelli, che tutti ebbero campo di distinguersi.

Il bravo Bosio fu regalato di molti fiori. I giornali del paese fanno di lui grandissimi elogi e concludono che il Bosio é un forte compositore che ha uno stile individuale, essenzialmente italiano, ma nuovo per forme e per idee, profondo di coltura, infine un vero artista che onora il nome della sua patria e dovrà fare splendida carriera...

*
* *

...Vemos n'uma folha norte-americana o exito conquistado em Chicago por uma composição do maestro E. Bosio, nosso cooperador, n'um dos saraus de musica italiana do Circulo Dante Alighieri, daquella cidade. No decorrer do desempenho do programma foi executado o terceiro tempo de uma série orchestral, *Marcha Funebre*, do maestro Bosio. Referindo-se a este trecho, disse o referido periodico: — «A composição é de grande effeito dramatico, muito sentimental e escripta num estylo magistral e devéras interessante».

*
* *

Da imprensa da capital do Estado do Pará, sobre a opera *Ideale*:

Ideale drama lyrico ballo-phantastico em 1 acto, pelo maestro italiano E. Bosio, professor no conservatorio Carlos Gomes. — A *Provincia do Pará* entende bem servir aos seus multiplos leitores, sendo o primeiro jornal de Belem a estampar a minuciosa noticia abaixo, elaborada por um dos seus criticos theatraes.

Ideale, de Bosio, é uma bella producção musical quer pela *tessitura* do *libretto*, quer pela feitura do *Spartito*. Aquelle é conciso como convem a uma obra breve n'um só acto, de acção movimentada e rapida. Os versos que compõem o poemeto são esculpidos com bastante arte na mais musical de todas as linguas, quasi escreviamos na unica lingua *cantavel*: — a italiana.

A musica, em geral energica como genuina representante da nova arte dos sons, movimenta-se muito, como já acima demos a entender, decorrendo accentuadamente, rica em effeitos harmonicos apreciaveis, pela

naturalidade do encadeamento em que estes se vão succedendo uns aos outros.

Da partitura fluem tambem, por vezes, algumas passagens melodicas assás pronunciadas, sufficientemente pontuadas, e que, por isso, serão retidas pelos ouvidos educados da platéa.

Abre-se o poema lyrico de que nos vamos occupando com um côro descriptivo do despertar da natureza, cantado internamente por vozes brancas masculinas ou por sopranos femininos, na impossibilidade de serem aquellas encontradas.

A scena acha-se toda invadida por nuvens brancas as quaes imprime movimento a energia do machinismo d'entre-bastidores. Semelhante disposição scenica faz o espectador recordar-se do prologo de Mephistopheles, de Boito, com a differença de serem brancas as nuvens no *Ideale*, de Bosio.

O côro a que precedentemente nos referimos é uma pagina grandiosa, vibrante de força e de vivacidade. As academias que o cantam symbolizam os *Raios Solares* e as *Horas*, annunciando-se n'uma fuga rapida e crescente

—Siamo l'ore furiere del di;
Ridenti baciamo
Il manto che indora
La tenebra infausta spari.
....
Dansiam'! dansiam'! dansiam'!

Segue-se ao prologo de que acabamos de tratar um *intermezzo* preparador da nova scena onde principia a desenvolver-se o drama. Tal scena deverá patentear aos olhos do espectador o fulgor da natureza libertada das trevas da noite. O palco é então occupado por formosa marinha, erguendo-se ao centro a figura magestosa de um cavalheiro phantastico, alma de poeta, coração de artista — e como todo poeta e todo artista — apaixonado pela natureza, deslumbrado pelo *ideal*, — cavalheiro um tanto no genero dos personagens das lendas danubianas que figuram na trilogia de Wagner.

Para não ser desmentida a convenção de longa data estabelecida e acceita no drama-lyrico, esse cavalheiro transbordante de dulcidas expressões de amor, é — o te-

nor. Extasiado perante a belleza da grande *albata* das coisas com a qual deslumbra-o aquella alvorada, o cavalleiro suspira a *romanza*:

Oh! misteriose lande
Consacrate ai sospir della quiete!
O' voi del mar selvaggio
Onde sfrenate che all'empir'v'ergete!

Esta invocação á natureza é uma delicada e larga concepção, já cantada com muito bom exito no conservatorio de Bolonha (Italia) pelo tenor Candio, sob a regencia do maestro director d'aquelle estabelecimento, ex-professor de Ettore Bosio. A descripção sonora é digna de apreço nessas laudas do *Ideale*, cheias de phrases repassadas de bastante valor, como por exemplo a expressão bravia do trecho: O' voi del mar selvaggio — Onde sfrenate... etc., cujo colorido musical attinge a um grau pouco vulgar.

Ao finalisar a *romanza*, surge do fundo da scena o *Ideal*, na gloria de uma nuvem luminosa. Representa-o uma figura de mulher bellissima, porem fria e de aspecto rigidamente phantastico. A entrada do novo personagem é descripta por breve preludio. Ao *Ideale* (contralto), dirige o tenor apaixonada apostrophe indagadora, chamando-o a si, com arrebatado ardor. O periodo musical desenvolve uma melodia bem rythmada.

Prosegue o singelo romancete com a resposta do phantasma, em forma de *ballata*, pintando a intangibilidade do *Ideal* ao mesmo tempo bello e horrivel como um abysmo que attráe, enchendo de pavor. O trecho sonoriza-se mais e mais, á proporção que se vae adeantando, tornando-se, ao finalisar, agitado e vivaz.

O artista conseguiu tirar n'essas paginas da sua obra grandes effeitos dos graves do contralto. Eis a lettra:

Son della tenebra notturna
Il gemente alitar!
Sono l'arcano che n'asconde l'urna
Degli umani al pensar!

O cavalleiro responde, ainda mais enamorado, ao fascinador phantasma, invocando-o novamente com vio-

lenta paixão. Ao som de um preludio todo apoiado nos graves, opera-se nova mutação de scena, representando esta o imperio da morte e do anniquilamento, para onde o poeta é arrastado pelo *Ideal*. Então, perante os olhos horrorisados do cavalleiro, desenrolam-se as danças lobregas da morte, nas quaes tomam parte as sombras, as mumias, as larvas e os fogos-fatuos. São ellas escriptas de modo a produzirem grande effeito pela originalidade phantastica, — iamos escrever *macabra* — que as caracterisa, e que convém ao terrivel quadro dantesco que occupa o tablado.

Findas que são, voltam na orchestra alguns compassos do grave *motivo* que descreve o terror da morte e, logo após, o *Ideal* entoa com muita côr e grandeza a seguinte phrase:

Eccoti nel mio regno,
Il regno delle tenebre fatal;
Or dei miei detti un pegno
Ti scôta l'almo, miserando mortal!

Esta phrase, uma das mais bellas do *spartito*, foi escripta com intelligente maestria alliada ao mais convicto sentimento.

Novos protestos de amor são cantados pelo tenor e pelo contralto no duetto:

Delle vergini audaci i bei capelli,
Biondi com'spighe d'or,
Ai sogni vaghi, affascinante e belli
Della tua prima età rammenti ancor?

Se é verdade que os *senões* são inherentes a toda obra humana, devemos imparcialmente registrar que a inspiração do componista pareceu-nos apenas fraquejar um todo nada nas pautas que ligam o *duetto* de que acabamos de tratar ás novas danças do jubilo. Por estas termina o espectaculo, entre as juras de amor vehemente, rematadas tambem pela morte do cavalleiro que cáe fulminado com a posse do *Ideal*. O panno cae finalmente sobre o apreciavel lavor do operoso artista

com uma *reprise* do thema do côro de abertura provido de nova lettra.

Ahi ficam as nossas impressões sobre *Ideal*, etc...

*
* *

Sobre a opera *Semèle* (Vingança de Deuses).— Opera melodramatica do maestro Ettore Bosio: Argumento e critica.

Tive as artisticas primicias de uma execução da peça melodramatica intitulada *Seméle*, opera de um dos collaboradores musicaes d'*A Provincia do Pará*, maestro Ettore Bosio. O autor sub-epigraphou a sua musica, a exemplo de *Schaunard*, musica do outro mundo, o que quer dizer—musica sobrenatural. A lettra d'aquella partitura é devida ao poeta italiano Luigi Bresciani.

A *Seméle* filia-se, de certo modo, a eschola phantastico-lendaria wagneriana, com as razoaveis branduras do actual estylo melodico italo-francez, tendo o modernismo vantajoso de encerrar-se toda em um só acto, dividido em cinco scenas.

Traduzirei abreviadamente, a seguir, as impressões pelo meu espirito conservadas do que ouvi desse eclectivo e rapido *spartito*.

Na scena aberta e vasia, apparece a vivenda de Seméle, grega de origem, mortal formosissima, cercada de todos os dotes do corpo e do espirito caracteristicos do povo helleno. Rompe sonoro a protophonia, em estylo grandioso, encerrando os tres principaes themas da peça,—rapida, decisivamente.

Primeira scena:—Juno desce do céo, em seu carro phantastico atrelado de pavões reaes, com o intuito bastante humano, de vingar-se de Jupiter, seu esposo, apaixonado pela formosa Seméle. A orchestra annuncia a chegada da deusa em notas estridulas de argenteas e gregas trompas.

Juno ordena com magestade aos pavões reaes— que partam e aguardem a sua chegada ao monte Cytheron. Volta na orchestra o thema caracteristico da descida da alterosa deusa. Segue-se uma imprecação e um monologo de Juno, relativamente ao scenario, onde costumam desenrolar-se os episodios dos amores de

Jupiter e Seméle. Essa passagem é caracterisada pela energia tensa dos metaes.

Presentindo, porém, a approximação de Seméle, accompanhada pelo seu sequito de virgens, Juno afasta-se rapidamente. Neste ponto, é a musica urdida de rapidas phrases receiosas e, ao mesmo tempo, sarcasticas.

Segunda scena: — Côro das virgens e Seméle, cuja entrada delicados arpejos annunciam. Ouvem-se, em primeiro logar, as saudações das virgens, numa alegre melodia sem banalidade. Seméle responde incitando-as a alastrar o chão de flores e a ungirem-n'a de balsamicos oleos, á oriental, em trechos melodicos insistidos em resolução que sobem mais e mais para os agudos. As virgens respondem garrulamente que tecerão grinaldas de olentas flores e concluem: — «Em nuvens tenues, nos altos cumes, ao céo profundo, subam do mundo arabicos perfumes».

Esta resposta é dada numas passagens musicaes subordinadas ao genero francez moderno, fino e cantante.

Terceira scena: — Juno e Seméle.

Mostra-se a deusa Juno, já metamorphoseada na velha Beróe, ama de leite da protagonista Seméle; sauda-a prazenteira a bella grega, que fica surprehendida de ver perante os seus olhos a sua dilecta amiga. Seméle abraça-a e indaga da causa da sua inesperada visita. Juno simula que lhe vem fazer um pedido a favor de um povo victimado pelos flagellos do céo. Este dialogo é estylado nos moldes dos melhores autores.

Continua a scena em um trecho onde a vingativa descreve o estado da cidade punida pela colera de Jupiter, com todos os horrores da calamidade que afflija os seus habitantes, e roga a Seméle que, em suas supplicas ao Deus tonitruante, implora um termo urgente áquelles grandes tormentos. Tal descripção modelou-se tambem pelos melhores exemplos dos mestres da arte dos sons.

Responde-lhe Seméle que o seu desejo será satisfeito, pois Jove jámais lhe recusara coisa alguma. Juno, em pergunta repassada de fingida surpreza:

— «... E', pois, verdade
«Aquillo que se diz em toda parte
«De, terno, amar-te a summa divindade?»

Seméle, cahindo ingenuamente no laço, descreve musicalmente com enthusiasmo e poesia, a belleza e a extranha paixão de Jupiter. Ouve-se ahi, uma das mais bonitas passagens da opera, timidamente delicada e cheia de orações melodicas de bastante sentimento.

Juno, porém, insinua que Seméle é simplesmente victima de um impostor da Attica, que se lhe apresenta disfarçado em Jupiter, para *beber-lhe os doces beijos*. Nasce a duvida no espirito de Seméle, que chora, desilludida.

— Em vão sonhei fluir dos céos o throno.

Esta phrase acha-se bem pintada num intelligente *rallentando*. Em relativo, Juno continue a dissimular seu rancoroso prazer e suggere um meio de reconhecer-se a divindade do amante, dizendo a Seméle que obtenha do deus tremendo a promessa da satisfação do seu pedido:

— Exige-lhe, Seméle, um juramento
Pelas ondas fataes do negro Stygio;
Se o fizer, ficaremos satisfeitas
E teus beijos, sem par, ha de fruir,
Depois que Juno, livre de tormento,
Ao peito seu cingir...

O perfido conselho antecedente é dado numa diabolica musica agitada e verdadeiramente *do outro mundo*. Seméle annuncia então a Beróe a chegada de Jupiter e, retirando-se, canta que a sua ausencia estimulará as saudades do heróe. Como se vê, a protagonista, apezar de virgem, não é das mais ingenuas...

A partitura, morrendo grandiosamente sobre a sahida falsa de Seméle, estabelece, deste ponto, uma boa transição para a imprecação de Juno que tripudia, terrivel, jurando vingar-se da estulticia da donzella grega. Vibra na orchestra uma rapida mutação de estylo, preparando a

SCENA QUARTA: — Mercurio e Jupiter.

Este quadro desenvolve-se em musica *leggiera* e saltitante, descrevendo typicamente a graciosa silhueta do gentil nume de azas nos pés e na cabeça. Numa do-

lente phrase descriptiva, Jupiter ordena a Mercurio que vae restituir a vida á uma pastora sobre cujo corpo frio o amante fina-se de magua. Mercurio responde brincando que «contente nas azas, como o vento e como o raio, nos ares o espaço ligeiro vencerá; e após doce allivio ás dôres soffridas por esse pastor, ao céo voltará.»

Jupiter novamente lhe ordena que volta áquella mansão onde Seméle habita, unico céo capaz do maior dos deuses. Num periodo musical pontuado pelos agudissimos e proprios ao seu espirito folgazão, Mercurio affirma que obedecerá. Nova transição do jocoso para o melodramatico, por meio de um só accordo:

Scena ultima: — Jupiter e Seméle.

Jupiter lastima a ausencia de Seméle e suspeita dos zelos da sua esposa Juno. Suspeitas vãs, exclama, vendo apparecer a sua amada. Recebe-a com invocação que é o inicio de um bom duetto. Seméle, porém, repelle-o, apostrophando-o de grego impostor, com muita energia e calor musical. Jupiter, confuso, affirma a sua divindade:

—La terra, le sfere, mi chiaman'signor
E al mio potere s'inchinano ognor»,

numa phrase positiva e passada de energia. Duvida de Seméle, cheia de naturaes hesitações. Jupiter demonstra-lhe materialmente o seu poder, fazendo apparecer o arco-iris entre bem combinados arpejos. Seméle acceita a prova como oriunda do poder de um semi-deus.

Para incutir no animo da pobre mortal a certeza de sua identidade Jupiter ordena uma terrivel commoção no mundo physico. A orchestra, nesse momento, attinge o maximo de sua movimentação, em todos os instrumentos, numa sonoridade em *crescendo*. Os côros interiores plangem, imploram, blasphemam, com estridencias e terriveis dissonancias tecidas artisticamente.

Seméle, vencida e confusa, implora a piedade e Jupiter suspende o horror. Intervem um silencio expressivo de dois compassos em *larguissimo* separando este quadro do seguinte.

Sob affirmação de Seméle de que só a Jupiter amará, este lhe offerece generosamente o seu throno, si ella

quizer ceder aos rogos seus. Seméle curva-se toda submissa. Irrompe a invocação amorosa de Jupiter:

«Serei amado e amarei»,

offerecendo a immortalidade a Seméle que pergunta:

«Tanto por mim farás?»

«Juro-o pelo Stygio,—profere Jupiter. Então vencida e vencedora, Seméle consegue de Jupiter o terrivel e fatal juramento de ser o pedido de Beróe satisfeito. A exigencia de Seméle é formulada angustiosamente para o amante que vê, na phrase de sua amada, uma vingativa cilada de Juno; porém não a pode deter nos labios de Seméle.

Esta cáe, fulminada, em virtude desse pedido que era a sua sentença de morte, ao balbuciar entrecortadamente as palavras que lhe foram dictadas por sua divina e terrivel rival.

Como desesperado final, em perda de causa, Jupiter monologa a sua dôr sobre o corpo do seu terreno idolo e jura vingar-se de sua mulher — a vingada Juno, do modo tonitruante que se possa comprehender para aquelle deus e para uma orchestra movimentada á moda de Bayreuth.

*
* *

A Tabóca do Ceguinho, scena pittoresca brasileira; poema symphonico de Ettore Bosio. Poesia do Dr. Paulino de Brito, publicada, como a critica seguinte, n'*A Provincia do Pará.*

A Tabóca do Ceguinho

(Ballada).

Longinqua voz maviosa,
meigos sons, d'onde partis?
D'algum mundo côr de rosa?
D'alguma estancia infeliz?
Na matta o vento suspira?
Ha timbres de ignota lyra?
Ha rôlas a soluçar?

— Ha um pobresinho que tóca
na sua rustica tabóca,
de porta em porta a esmolar.

Firli... firli... firlifli...
n'uma dobra do caminho,
Já se avista o pobresinho:
move os passos para aqui.
Vem de vagar, hesitando,
mas sempre, sempre tocando
turlú... turlú... turlutú...
Que vaga melancolia!
Que extranha e doce poesia
se evola d'esse bambú!

Não tem luz seus olhos — ai!
Fita-os no céu com quebranto;
dirieis que no seu canto
a alma inteira lhe vae.
Detem-se... a flauta emmudece...
descobriu-se... muda prece.
tem nos labios murmurando...
Parou á porta da igreja:
o triste, embora a não veja,
lá ouve o orgam tocando.

Ouve... e lembra-se de um dia
— o orgam soava assim —
elle do tempo sahia
pela mão de um cherubim...
meigo olhar... casto sorriso...
Foi-lhe a vida um paraiso,
amor, carinhos gosou;
correram horas serenas...
E foi tudo um sonho apenas
quando o archanjo ao céo voou!

Verga á terra o corpo langue,
depõe a flauta no chão,
e uma lagrima de sangue
lhe mana do coração...
E emquanto o orgam rebôa,
mudo pranto escôa, escôa,

chora o triste o fado seu;
d'esta vida nos revezes,
duas vezes morreu, duas vezes
a luz dos olhos perdeu.

Descerra a bocca... um lamento
lhe vae talvez escapar...
mas ouve neste momento
a voz do padre a prégar:
« Sursum corda! —exclama o cura—
« a angustia o homem depura,
« de muitas culpas é réu!
« Mas, irmãos, da dôr no assalto,
« erguei os olhos ao alto,
« que a nossa patria é no céo! »

Alegre repica o sino,
o povo da egreja sae:
foi a festa do Divino —
paz na terra! a Deus louvae!
Já no meio do terreiro,
ao pé do mastro altaneiro,
o povo juntar-se vem:
rebenta ruidosa a dança!
Ninguem pára, ninguem cança!
Oh! como bailam tão bem!

E emquanto o prazer recresce
e reina o contentamento,
sómente o cégo parece
a imagem do soffrimento:
dos devotos que passavam
vintens e nickeis tombavam
no seu vetusto chapéu...
e elle a nada se movia...
como um écho repetia:
« *A nossa patria... é no céo!...* »

....

Levantou-se o pobresinho...
firli... firli... firlifli...
lá prosegue o seu caminho,
Já mal se avista d'aqui...

Deus te leve, bardo errante:
(Vae morrendo o som distante:
turlú... turlú... turlutú...
Esvaiu-se a melodia...
Adeus, rustico poesia!
Adeus, saudoso bambú!

Paulino de Brito.

— «Depois do matino extranho, sem tonalidade determinada, mas de uma belleza que enleva e impressiona, balbuciado, gemido pela flauta, aos primeiros accordes da *Tabóca do Ceguinho*, de Bosio, sente-se que vae a gente ouvir um artista da Symphonia; um conhecedor, um mestre de technica hodierna, um surprehendedor seguro e atrevido dos segredos reconditos da nova instrumentação orchestral! E ouve-se, enlevado, a *Tabóca!*

O colorido dos quadros, as melodias e seu natural desenvolvimento, a bizarria das scenas que se succedem brilhantes, destacando-se sem se desconjuntarem, com um *savoir-faire* de artista de pulso, os episodios incidentaes (os sinos da Igreja, o batuque, etc.,) tudo lançado por mão de mestre nas estreitas pautas do papel de musica séria e elevada, com a segurança antecipada de quem estudou, de quem sabe, de quem sente; e, mais ainda, de quem tem um extraordinario, um formosissimo talento.

A *Tabóca* de Bosio, é uma partitura symphonica, digna de ser ouvida nos grandes centros. A sua factura obedece ao ritual intangivel a mãos profanas, da Grande arte! E' original, sem ser estapafurdia; nobre, sem ser inaccessivel; fina, sem ser affectada; é musica — sobretudo!...

*
* *

Nazareida, poema symphonico em 3 partes: Cyrio — No Arraial — Idylio e Dança.

Argumento da primeira parte: Cyrio. (da lavra do Dr. Paulino de Brito).

«E' noite. Silenciosa, fatigada, a cidade repousa das agitações da vespera.

Ha, no emtanto, uma vibração mysteriosa, profunda,

que é como o frémito precursor dos grandes acontecimentos do dia, prestes a raiar.

Tingem o céo as primeiras arraiadas, desmaiam as estrellas, cantam os gallos; as avesinhas, em dôces e graciosas surdinas, saudam o despertar da natureza em festa.

As ruas alagam-se de luz e de povo, a correr apressado, em traje de gala, para a praça da Cathedral. Os romeiros affluem de todos os lados, como regatos que engrossam as aguas dos rios, e se vão juntar no oceano. Os cyclistas deslisam, mal tocando o sólo, nas suas machinas fugaces; chega a cavallaria, fazendo estremecer a terra ao tropear cadenciado dos corceis em marcha; vagas de marujos correm umas após outras; a praça regorgita, transborda, e, formado o prestito, abala-se a grande massa humana. Repicam os sinos, soam os clarins, rebentam os foguetes; paira sobre o immenso borborinho o canto melancolico da marujada...

Segue-se a procissão no seu triumphal percurso. Vozes, rumores, sons festivos, acclamações, vida, côres, luz, movimento, tudo se confunde.

Sobre os vagalhões do povo, flutuam escaleres repletos de crianças, embaladas a sorrir, como num berço, e encantando o ambiente com o suave perfume da innocencia. Deixae-vos embalar, meigas crianças; não é um oceano de cabeças, não é um oceano de braços, não é um mar de herculeos hombros que ferve sob a quilha dessas barquinhas, é o coração do povo que estúa descompassado na embriaguez sublime do enthusiasmo!

Deixae-vos embalar, meigas crianças! o velho leão, neste momento, não ruge, soluça, enternecido.

(Ouve-se uma berceuse).

Augmenta o transporte; a alegria torna-se delirante. Um — ah! — formidavel escapa de todos os peitos: «eis-nos chegados, ahi está a ermida, ahi está o arraial!»

Um sopro de tempestade percorre a multidão, que se agita encapellada; a berlinda vacilla, pairando sobre esse pégo, como a arca sobre as aguas do diluvio. Um hymno de gloria immenso, grandioso, estupendo, como que escapa de todos os peitos offegantes, e sobe aos pés da Virgem, reboando no espaço, enchendo as amplidões do céo!»

*
* *

Sobre o poema *Nazareida* escreveram os principaes jornaes paraenses:

«O sr. maestro Bosio iniciou-se com o seu poema symphonico *Nazareida*, no mais difficil genero de musica.

Depois o assumpto era de proporções grandiosas, nosso, e ao artista era preciso integrar-se por qualquer forma no sentimento do povo paraense, para illustrar com a sua musica esse quadro magestoso e simples, religioso e profano, poetico e banal a um tempo.

Ouvimol-o cheio de curiosidade e de admiração.

Depois da sahida da grande romaria, a passagem do povo é descripta por uma melodia popular muito cantada por este tempo de S. João, ingenua, mas repassada de uma terna melancolia.

Se não nos trahe a memoria, nessa passagem do poema a attenção do artista, preoccupada em descrever um detalhe, esqueceu um conjunto, e, por um momento, desapparece de tudo a impressão de grandioso, do numero da massa popular, enorme, emfim, que se move; a melodia, sobre ser simples, não é secundada por effeitos orchestraes que reproduzam, na sua grandiosidade integral, o quadro.

Noutra passagem, logo em seguida, em que se ouve uma barcarola, com que o artista quiz representar da passagem da marujada, comprehendeu perfeitamente o maestro Bosio que o seu poema só seria verdadeiramente uma descripção musical do cirio, se podesse communicar a sensação de um grande prestito, movendo-se lentamente, pesadamente, como um blóco inteiriço que uma extranha força arrastasse, num rythmo grave e cheio de piedosa composição atraz da berlinda da santa gloriosa, e por meio de effeitos orchestraes engenhosos e bellos, conseguiu perfeitamente dar essa impressão de homogeneidade, de grandioso.

E seja dito de relance que a barcarola que serve de principal motivo a esta passagem do poema é, como convinha, simples, despretenciosa, mas inspirada e formosa e, sobretudo, delicada.

Aliás, parece-nos que o sr. maestro Bosio sente e traduz com mais alma o suave, o delicado, do que o arrebatado, o ardente.

E esta nossa opinião mais se confirma com o mo-

tivo descriptivo com que o distincto musicista inicía o seu poema.

E' duma rara felicidade descriptiva esse primeiro motivo do poema, e quiçá, como inspiração, o trecho mais bello da obra.

Menos original mas egualmente inspirada e feliz é a phrase com que, depois de descrever o arruido enorme de sinos e clarins—um bom trecho descriptivo, que pinta admiravelmente, com muito movimento e colorido a sahida do cortejo e talvez, apenas, um pouco mais longo do que devia ser, esboça o autor as primeiras palavras d'um hymno popular, á Virgem, hymno que é desenvolvido no final do poema e, incontestavelmente, pela orchestração o trecho de mais valor, ao nosso vêr, da obra.

Afóra, pois, a falta de continuidade notada acima, e uma tal ou qual vulgaridade e monotonia no imitar do tróte dos cavallos, que nos pareceu descripto com mais preoccupação do que devia ser, e apezar de nos parecer que o sr. maestro Bosio se subordinou demais ao que pretendia descrever, ao real, o seu poema tem para nós qualidades muitissimo apreciaveis e, seja-nos licito repetir, sobretudo na descripção do alvorecer e no hymno final, que é uma bella pagina, cheia de elevação de fervor, talvez por ser aquella em que o artista deu plena liberdade á sua inspiração, para se librar ás espheras do puro idealismo, onde reside a summa perfeição, o summo bello em arte.

*
* *

...Ha muito notava-se pelo auditorio a, como que, manifestação da impaciencia dos que mais desejavam ouvir *O Cyrio* do maestro Ettore Bosio, para orchestra, 1.º tempo do poema symphonico *Nazareida*; e, quando a poderosa orchestra vibrou na interpretação das primeiras notas toda a assistencia era silencio e attenção.

Fazer uma apreciação embora superficial d'*O Cyrio* ou emittir uma opinião segura sobre o valor daquella peça musical em uma chronica imperfeita, após a sua 1.ª audição, é tarefa mui delicada.

Diremos, no emtanto, que o maestro Bosio foi muito feliz na urdidura do seu poema symphonico, para o qual

aproveitou as mais bellas phrases dessa ruidosa e extraordinaria romaria da Virgem de Nazareth com as suas canções populares, seus marciaes clangôres de clarins e festivos repiques de sinos da parochia; tudo echoando no espaço cheio dos rumores de uma cidade convulsionada por grandiosas vagas humanas que se confundem, que se movem, que se avolumam extraordinariamente!... Pena é que o Sr. Bosio não queira escrever uma opera completa sob esse titulo sympathico — *Nazareida*.

A boa impressão que recebemos da 1.ª audição d'*O Cyrio* permitte-nos a liberdade de concitar o seu autor a não esquecer o seu magnifico poema no fundo de qualquer gaveta, para que a gente ao ouvil-o, muitas vezes sinta a alma regorgitar das emotivas recordações que esse mimo de arte nos inspirou...

*
* *

De «Musikalische Welt» de Leipzig — Geringere technische Anf forderungen stellt Ettorio Bosio in seinen «5 Pezzi», die man recht wohl auch fur den Unterricht auf der Mittelstufe verwenden kann. Das Meiste ist sehr hubsch, geschmackvoll und nicht alltaglich. No. 1, 3 und 5 sprechen durch gute Einfalle besonders an, auch No. 2, die Idylle mit dem trippelnden Zwischensatz, ist originell, wahrend No. 4, ein portugiesisches Lied, in's Banale verfallt.

*
* *

Mondo Artistico: — Gli stessi Carisch & Janichen pubblicano cinque pezzi per pianoforte di Ettore Bosio: *Capricciosa*, *Entre Nous*, *Scherzo*, *Fadinho Portuguez*, e *Minuetto*.

Sono pezzi di genere, nei quali vuol non essere estraneo l'intento psicologico, non però l'istesso intento dei clavicembolisti francesi creatori di questa «maniera» e nei quali l'autore riesce talvolta ad ottenere qualche effetto rimarchevole. Cosi nel pezzettino ch'egli intitola: *Capricciosa* e nel secondo, l'idillio: *Entre Nous*.